



Jorge Amado

O CONTADOR
DE HISTÓRIAS
CENAS ESCOLHIDAS

Organização
Heloisa Prieto



Copyright © 2012 by Grapiúna — Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico Retina78

Revisão Luciana Baraldi e Renata Favareto Callari

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001

O contador de histórias : cenas escolhidas / Jorge Amado ; organização Heloisa Prieto. — 1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2012.

ISBN 978-85-65771-00-9

1. Amado, Jorge, 1912-2001 2. Contos brasileiros 3. Escritores brasileiros – Crítica e interpretação I. Prieto, Heloisa II. Título.

12-07805

CDD-869.98

Índice para catálogo sistemático:

I. Escritores brasileiros : Apreciação crítica : Literatura brasileira 869.98

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- 9 *Um mestre da narrativa*
Heloisa Prieto
- 15 *Jubiabá, 1935*
A luta
- 23 *Mar morto, 1936*
Embolada
- 33 *Capitães da Areia, 1937*
Histórias furtadas
- 41 *Seara vermelha, 1946*
Noca
- 47 *Gabriela, cravo e canela, 1958*
Vida nova na cidade
- 57 *Os velhos marinheiros ou*
O capitão-de-longo-curso, 1961
O telescópio
- 63 *A morte e a morte de Quincas*
Berro Dágua, 1961
Quincas Berro Dágua

- 69 *Dona Flor e seus dois maridos*, 1966
Por volta da meia-noite
- 77 *Tenda dos Milagres*, 1969
Pobres, pardos e paisanos
- 83 *Tereza Batista cansada de guerra*, 1972
Esponsais
- 89 *O sumiço da santa*, 1988
Oxalá, o maior de todos
- 101 *A descoberta da América pelos turcos*, 1992
Guerra Santa
- 109 Trajetória de Jorge Amado

JUBIABÁ

1935

Os cavaleiros andantes, os peões, os aventureiros e os lutadores do Nordeste, entre outras figuras míticas, sempre foram fonte de inspiração para as cantigas de cordel. Indo ao encontro dessa tradição narrativa, Jorge Amado dá corpo a um desses personagens legendários, Antônio Balduino, e conta a história do órfão nascido no morro do Capa-Negro, cuja trajetória errante surpreende e cativa.

Inicialmente boxeador, ele passa pelo trabalho braçal nas plantações de fumo e, após cometer um crime, se transforma em fugitivo — e assim, ao longo das tantas peripécias, vai ampliando e transformando sua compreensão da vida. É notável o episódio em que conhece a vida no circo, quando, em meio à narração de uma jornada cheia de vitórias emocionantes e derrotas imprevisíveis, o texto adquire um tom quixotesco, onírico. A cena escolhida, também repleta de um encantamento singular, pertence ao primeiro capítulo, no qual o personagem surge em pleno ringue, numa luta espetacular.

A LUTA*

A multidão se levantou como se fora uma só pessoa. E conservou um silêncio religioso. O juiz contou:

— Seis...

Porém antes que contasse sete o homem loiro se ergueu sobre um braço, com esforço, e juntando todas as forças se pôs de pé. Então a multidão se sentou novamente e começou a gritar. O negro investiu com fúria e os lutadores se atracaram em meio ao tablado. A multidão berrava:

— Derruba ele! Derruba ele!

O largo da Sé pegara uma enchente naquela noite. Os homens se apertavam nos bancos, suados, os olhos puxados para o tablado onde o negro Antônio Balduino lutava com Ergin, o alemão. A sombra da igreja centenária se estendia sobre os homens. Raras lâmpadas iluminavam o tablado. Soldados, estivadores, estudantes, operários, homens que vestiam apenas camisa e calça, seguiam ansiosos a luta. Pretos, brancos e mulatos torciam todos

* Os títulos dos trechos foram criados pela organizadora.

pelo negro Antônio Balduino, que já derrubara o adversário duas vezes.

Daquela última vez parecera que o branco não se levantaria mais. Porém antes que o juiz contasse sete ele se levantou e continuou a lutar. Houve entre a assistência palavras de admiração. Alguém murmurou:

— O alemão é macho mesmo...

No entanto continuaram a torcer pelo negro alto que era campeão baiano de peso pesado. Gritavam agora sem parar, desejosos de que a luta tivesse um fim, e que esse fim fosse com Ergin estendido no chão.

Um homenzinho magro, cara chupada, mordida um cigarro apagado. Um negro baixote ritmava os berros com palmadas nos joelhos:

— Der-ru-ba e-le... Der-ru-ba e-le...

E se moviam inquietos, gritavam que se ouvia na praça Castro Alves.

Mas aconteceu que no outro round o branco veio com raiva em cima do negro e o levou às cordas. A multidão não se importou muito esperando a reação do negro. Realmente Balduino quis acertar na cara sangrenta do alemão. Porém Ergin não lhe deu tempo e o soqueou com violência atingindo-o no rosto, fazendo do olho do negro uma posta de sangue. O alemão cresceu de repente e escondeu o preto que agora apanhava na cara, nos peitos, na barriga. Balduino foi novamente às cordas, se segurou nelas, e ficou passivamente sem reagir. Pensava unicamente em não cair e se atracava com força às cordas. Na sua frente o alemão parecia um diabo a lhe martelar a cara. O sangue corria do nariz de Balduino, o seu olho direito estava fechado, tinha um rasgão por

baixo da orelha. Via confusamente o branco na sua frente, pulando, e ouvia muito longe os berros da assistência. Esta vaiava. Via o seu herói cair e gritava:

— Dá nele, negro!

Isso no princípio. Aos poucos a multidão foi ficando silenciosa, abatida, vendo o negro apanhar. E quando voltou a gritar foi para vaiar.

— Negro fêmea! Mulher com calça! Ai, loiro! Dá nele.

Estavam com raiva porque o negro apanhava. Eles haviam pago os três mil-réis da entrada para ver o campeão baiano dar naquele branco que se dizia “campeão da Europa Central”. E agora estavam assistindo era o negro apanhar. Não estavam satisfeitos, moviam-se inquietos e ora vivavam o branco, ora o vaiavam. E respiraram aliviados quando o gongo soou dando fim ao round.

Antônio Balduino veio para o canto do ringue se segurando nas cordas. Ai o homem magro, que mordida o cigarro inútil, cuspiu e gritou:

— Onde está o negro Antônio Balduino que derrubava brancos?

Aquilo Antônio Balduino ouviu. Bebeu um gole da garrafa de cachaça que o Gordo lhe oferecia e virou para a assistência procurando o dono daquela voz. Voz que voltou metálica:

— Quede o derrubador de brancos?

Desta vez parte da multidão acompanhou o homenzinho e disse em coro:

— Quede? Quede?

Aquilo doeu em Balduino como uma chibatada. Não sentia nenhum dos socos do branco mas sentia aquela censura dos seus torcedores. Disse ao Gordo:

— Quando eu sair daqui dou uma surra neste sujeito. Marque ele...

E quando soou o sinal de recomeçar a luta o preto se atirou em cima de Ergin. Pôs um soco na boca do alemão e em seguida um no ventre. A multidão reconhecia novamente seu campeão e gritou:

— Aí, Antônio Balduíno! Aí, Baldo! Derruba ele...

O negro baixo voltou a ritmar pancadas nos joelhos. O magro sorria.

O negro continuava a dar e sentia uma grande raiva dentro de si.

Foi quando o alemão voou para cima dele querendo acertar no outro olho de Balduíno. O negro livrou o corpo com um gesto rápido e, como a mola de uma máquina que houvesse partido, distendeu o braço bem por baixo do queixo de Ergin, o alemão. O campeão da Europa Central descreveu uma curva com o corpo e caiu com todo o peso.

A multidão, rouca, aplaudia em coro:

— BAL-DO... BAL-DO... BAL-DO...

O juiz contava:

— seis... sete... oito...

Antônio Balduíno olhava satisfeito o branco estendido aos seus pés.

Depois passou os olhos pela assistência que o vivava procurando o homem que dissera que ele não era mais o derrubador de brancos. Como não o achasse, sorriu para o Gordo. O juiz contava:

— nove... dez...

Suspendeu o braço de Balduíno. A multidão berrava mas o negro só ouviu a voz metálica do homem do cigarro:

— Aí negro, você ainda derruba brancos...

Alguns homens saíram pelo portão largo e enferrujado. Porém a maioria se lançou para o quadrado de luz onde estava o tablado e levantou nos ombros o negro Antônio Balduino. Um estivador e um estudante seguravam numa perna e dois mulatos na outra. Levaram assim o negro até o mictório público instalado no largo, que era onde os lutadores mudavam a roupa.

Antônio Balduino vestiu a roupa azul, bebeu um trago de cachaça, recebeu os cem mil-réis a que tinha direito e disse aos admiradores:

— O branco era fraco... Branco não se aguenta com o negro Antônio Balduino... Eu cá sou é macho.

Sorriu, apertou o dinheiro no bolso da calça e se dirigiu para a pensão da Zara, onde morava Zefa, cabrocha de dentes limados que viera do Maranhão.